

Um clássico nos palcos
**LENDO A MORENINHA
EM SUAS ENTRELINHAS**

Resenha literária
**VOCÊ VAI SE APAIXONAR.
QUER APOSTAR?**

Uma reflexão sobre a obra
**A MORENINHA: UM
CLICHÊ OU UM MARCO?**

LITERAL

EDIÇÃO ESPECIAL - A MORENINHA



6 009800 461091 >

NOVEMBRO 2017 | R\$15.00



"O amor é um anzol que, quando se engole, agadanha-se logo no coração da gente, donde, se não é com jeito destravado, por mais força que se faça mais o maldito rasga, esburaca e aprofunda."

Joaquim Manuel de Macedo

Fomos traumatizados no Ensino Médio

...E NEM NOS DEMOS CONTA DISSO

Quantas vezes já não fomos “obrigados”, até mesmo sob ameaças, a ler alguma obra durante o nosso Ensino Médio que não gostaríamos? Quantos livros a professora de português pediu, de uma forma bastante enfática, que lêssemos sem mesmo explicar a importância daquela leitura nas nossas vidas, na nossa história literária ou, pelo menos, o contexto no qual se encaixava?

Pois bem, acredito que, assim como eu sofri, muitos alunos ainda passam pelo mesmo problema durante vários anos letivos. O comportamento que os nossos professores têm ou tiveram leva os alunos a construírem uma opinião generalizada sobre literatura brasileira, e isso gera pensamentos externalizados mais ou menos nestas palavras: “eu gosto bastante de ler, mas não me venha com autores brasileiros que eu não vou nem abrir o livro”. Essa foi uma frase dita por um dos meus alunos em um curso de inglês no qual eu dou aulas. Ele ainda complementou depois de eu tê-lo contestado: “é tudo chato, difícil, confuso, eu prefiro...” e aí citou alguns títulos de literatura estrangeira. O problema é que eu não pude falar nada, muito menos brigar com ele, pois era exatamente assim que eu mesma pensava na época em que tinha a idade dele e estava na escola.

Entretanto, precisamos desconstruir essa ideia que foi passada de geração em geração por tanto tempo. Precisamos mostrar que a literatura brasileira tem

o seu valor (algo que eu tentei fazer com o aluno que defendeu o discurso acima). Ela pode ser incrível e pode ser tão boa quanto qualquer literatura estrangeira, basta sabermos o melhor viés para abordá-la, sem repetir o mesmo discurso que vem sendo abordado desde muito tempo e que tem traumatizado cada vez mais pessoas durante as aulas de literatura.

Uma forma que encontramos de desvincular esses adjetivos ruins das obras maravilhosas que temos ao nosso dispor foi criando a publicação que você tem em mãos. Nela, apresentaremos diversos pontos de vista sobre uma mesma obra. Esta edição especial traz discussões sobre o livro “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo. Uma destas discussões é uma entrevista feita com um ator que interpretou o personagem principal da obra, contando as suas impressões e opiniões quanto ao seu trabalho teatral. Temos também uma resenha crítica feita por quem entende do assunto (mais um incentivo à leitura do livro). E, finalmente, um artigo de opinião que nos mostrará o que os estudiosos tem a nos dizer sobre esse romance de folhetim.

Esperamos que você aproveite a experiência e que ela cumpra com o seu papel de desconstruir os pensamentos injustos sobre a literatura brasileira.

Por Natália Toledo, editora.



EXPEDIENTE

Diretora Editorial: Natalia Toledo Fortini Cruz

Coordenação e Edição: Thamara Generoso

Edição de Arte: Bruno Rizzato

Redação: Andressa Martins, Robson Cruz e Thamara Generoso

Ilustração: Ricardo Soares, Eduardo Schloesser e Paulo Brabo

SUMÁRIO

p.5

Resenha
Você vai se apaixonar. Quer apostar?
Thamara Generoso

p.7

Entrevista com Ivam Rodrigues
Lendo A Moreninha em suas entrelinhas
Andressa Martins

p.9

Artigo literário
"A Moreninha", um clichê ou um marco?
Robson Cruz



Você vai se apaixonar. Quer apostar?

O que esperar de uma história que começa (e que se desenvolve) através de uma aposta? Pois é exatamente o que acontece no primogênito de Joaquim Manuel de Macedo, ou Macedinho para os mais íntimos. Uma aposta, uma promessa e uma boa dose de amor romântico vão norteando a obra de estréia do autor. A Moreninha foi o primeiro em vários sentidos, pois é considerado também o precursor de seu gênero no Brasil, portanto, o primeiro romance oficialmente brasileiro.

Logo em sua primeira publicação, em 1844, tornou-se uma febre na sociedade e, principalmente, na corte brasileira do século XIX. Um dos motivos do rebuliço e que logo me chamou a atenção (173 anos depois e o motivo perdura) foi a nossa excepcional protagonista, D. Carolina, a titular Moreninha. Do alto de seus tenros quinze anos, não só destrona qualquer um em um piscar de olhos, como o faz com uma classe zombeteira que deixa todos embasbacados. Veja bem, moreníssima e não loura como o padrão das produções do período romântico.

A história principia-se contando detalhes da vida de um grupo de estudantes de medicina que moram juntos: Leopoldo, Fabrício, Augusto e Felipe. Este convida os outros três a uma breve estadia em uma ilha, na casa de sua avó, onde também vive sua irmã (Carolina), por ocasião do feriado de Sant'Ana. Sendo Augusto extremamente volátil, usando aqui de eufemismos, os amigos decidem apostar: se o jovem se apaixonar por uma das moças que irão à ilha e manter-se assim por quinze dias, deverá escrever um romance.

Nossos protagonistas então se conhecem (será mesmo?). Augusto e Carolina se caçoam, se rejeitam, se aproximam, se apaixonam e, finalmente, adoecem de amor. Seu trajeto amoroso, como usual, enfrentará reveses e será permeado por percalços e surpresas, além de vívidas descrições de locais, costumes e hábitos de uma sociedade brasileira recém-independente, em busca da construção de uma identidade própria. Uma das faces identitárias era justamente a literária, e o Macedinho sabia bem disso.

Ao melhor estilo ***mise en abyme***, faz-se perpassar por inúmeras narrativas que colaboram na construção da obra: de lendas indígenas, contada com reverência por D. Ana, a digressões das personagens, como aquela primordial feita por Augusto. Assim como a relação entre os protagonistas, o romance começa devagar, nos acariciando, para depois nos mergulhar completamente absortos em um enredo misterioso e envolvente. A fluidez do texto pela curiosidade é, sem dúvidas, alimentada pela linguagem que busca a descomplicação e aproximação do cotidiano.

Sua estrutura e temática, inéditas no Brasil em seu lançamento, que arrebatou os leitores novecentistas, ainda se fazem presentes não só na literatura, mas também na sétima arte. Somente agora, olhando para trás, é que percebemos o quão influente foi *A Moreninha* para as produções a ela posteriores. Não é difícil perceber os inúmeros motivos pelos quais a obra não deixa de ser um clássico, querido e lido, com os devidos e necessários incentivos, principalmente pelo público adolescente.

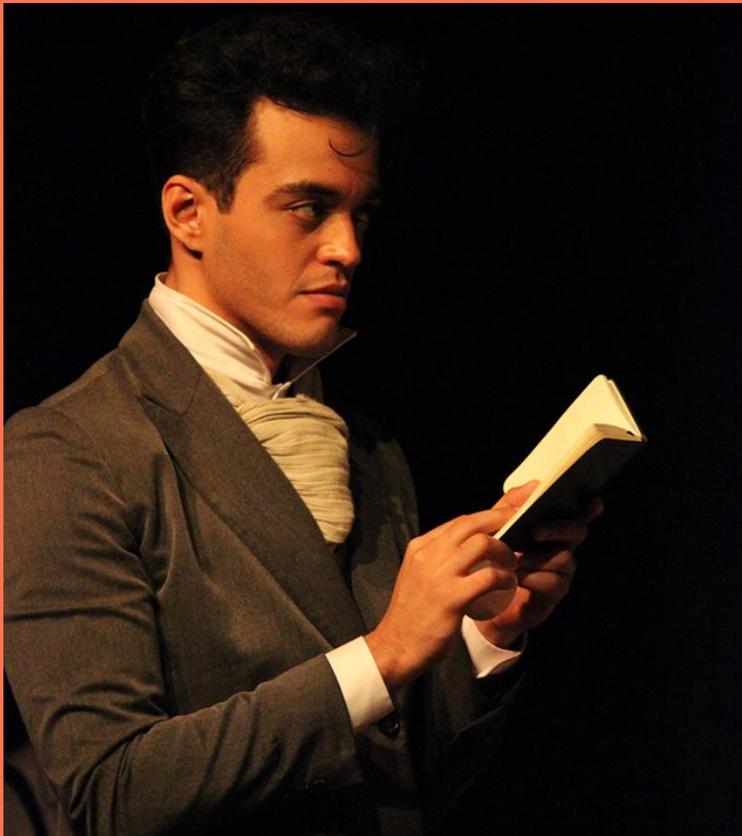
CONCEITO

Mise en abyme
termo em francês que significa 'narrativa em abismo'.

Usado pela primeira vez por
André Gide.

Contexto
falar de narrativas que possuem outras dentro de si.





LENDO 'A MORENINHA' EM SUAS ENTRELINHAS

ENTREVISTA COM O ATOR IVAM RODRIGUES

O ator é quem transforma palavras escritas em gestos, olhares e atitudes. Há, no teatro, a ideia de que o espaço de criação do ator é toda a parte em branco de uma página escrita pelo dramaturgo.

Sabendo disso, entrevistamos **Ivam Rodrigues**, ator nascido em Bauru-SP e com 10 anos de palco. Encenou a peça *A Moreninha* em 2016, no Teatro Macunaíma, como fruto de seis meses de estudo sobre o texto de Joaquim Manuel de Macedo. Com essa conversa, objetivamos ampliar nosso olhar sobre o universo da obra além das páginas de papel.

Como foi a experiência de encenar *A Moreninha*?

Foi muito boa a experiência, porque foi a primeira vez que eu, como ator, peguei um texto dramático completo para montar, ao invés de adaptações. Foi muito legal usar essa obra, até porque o texto dramático foi escrito pelo próprio Joaquim Manuel de Macedo.

Você leu a obra original também?

Sim. Primeiro, li a peça e depois o romance. Na verdade, todos nós fizemos isso como forma de aprofundamento, porque quando se vai montar um texto teatral é preciso também investigar todo o contexto histórico e literário que cerca a obra, assim como a vida do autor. Então, nesse momento, que chamamos de estudo de mesa, estudamos o livro e o usamos de base para montar as personagens.



Sendo ator e tendo a oportunidade de dar vida a essa obra em palco, quais foram as dificuldades que você sentiu em relação à encenação das personagens?

Até perto da data da apresentação eu estava me batendo muito com a linguagem de forma a deixá-la fluente e natural. Aí, no meio da peça, sem querer, a gente soltava uma gíria contemporânea [risos]. Outra coisa foi a quantidade de cenas e de acontecimentos que ocorrem paralelamente. Essa parte foi difícil pra montar, pra entender qual era a linha narrativa, porque ela vai se passando em ambientes diferentes. Tem muitas personagens e muito acontecimento ao mesmo tempo.

“ A MENSAGEM É: O AMOR NÃO É CONTROLADO, ELE CONTROLA ”

Em certo momento, tanto da obra, quanto da peça, D. Ana conta uma lenda indígena para os jovens. Qual a importância desse fato pra história?

Esse fato é fundamental pra história. Na verdade, a história em si se baseia nela, porque toda a narrativa da Moreninha e do Augusto é uma imagem do que aconteceu com os personagens da lenda, e você fica na dúvida se a história deles é um paralelo com o que aconteceu com os indígenas. Então isso é central, gera uma tensão no texto: se o amor se repete dessa forma ou não, se são eles mesmos ou não...

Qual personagem você encenou?

Eu encenei o Augusto. Curti muito encená-lo porque ele tem um conflito interno bastante grande: a natureza boemia e a fé no amor por conta do que aconteceu com ele quando criança.

Quais partes da obra foram mais significativas?

Acho que quando ele desconfia que a Moreninha é a Carolina, porque aí você consegue ver a curva dramática dele se desenvolvendo... E a parte da lenda é bem significativa também. Primeiro porque a obra está toda em cima dela e também porque há algo sobre o mito. É meio que uma mitologia aquilo, e não um conto raso. Há o guerreiro e a figura feminina que espera pelo amor, pela atitude...

Para você, A Moreninha faz diálogos com o momento que estamos vivendo em sociedade?

Sim, diálogos de contraposição, mas não só isso. Tem uma camada social que mostra como se comportar e os ideais que a gente tem na nossa sociedade, o que queremos mostrar para as pessoas, como a gente quer

ser visto, as relações que temos. E a outra camada é como somos de verdade, como sentimos, como as coisas são: o ser humano além do social. Vejo que há um medo de se entregar ao amor como o Augusto tinha, como os rapazes na obra também tinham. Percebo também o imaginário popular sobre a relação da mulher com o amor, que é “Ah, você vai se casar.”, “Você deve se relacionar desse jeito.”, “Deve se comportar assim!” em contraposição com o que ela sente de verdade. Essa tensão dialoga bastante.

Mas você acha que o Augusto tinha medo de se entregar ao amor ou que ele realmente estava guardando o amor dele para aquela menina que conheceu quando era criança?

Por mais que ele guardasse o relicário, havia momentos de incerteza, já que ele mostrou interesse grande pela Carolina justamente porque ela o ignorava e, perante as outras pessoas, ele não fazia papel de fragilizado, e sim de esperto, de ganhão. Em momento algum ele se mostra vulnerável, só diante dela e, em alguns momentos, com a D. Ana. Então eu acho que ele tinha medo em alguns pontos.

Em sua opinião, qual é a mensagem que essa obra quer nos passar?

Em minha opinião, a mensagem é: o amor não é controlado, ele controla. Uma entidade que não se pode controlar. Durante a obra os personagens jogam com isso: “Ah, vou ficar com fulano, com ciclano, vou ignorá-lo”, e, no final das contas, eles acabam sendo objetos do amor e não sujeitos nessa relação. Acho que é uma relação de destino, de plano espiritual, independentemente das voltas que a vida dê. É o que ficou forte para mim: o ser humano como objeto do amor, e não o contrário.

“A MORENINHA”: UM CLICHÊ OU UM MARCO?

Todos os dias costumamos utilizar, inconscientemente, nossos preceitos de julgamento, baseados em um pequeno número de informações às quais somos expostos durante nossa vida. Mas será que podemos validar tal crítica contando apenas com nosso senso comum, sem ao menos realizar uma pesquisa, por menor que ela seja, para que possamos embasar nossa opinião?

Paremos para refletir sobre a pergunta que é feita no título. Como você a responderia? Para alguns, esta resposta viria na ponta da língua, antes mesmo de refletir sobre o assunto: ‘A Moreninha’ é um romance clichê. Talvez a grande resposta que justifique essa opinião generalizada seja mais simples do que, intrigados, imaginamos: o pensamento comum da sociedade brasileira atual, de certa forma, dá pouca importância para nossa história literária, atém-se ao hodierno.

Aliando essa constatação observatória ao fato de que, após anos de obras-primas tendo suas fórmulas copiadas à exaustão, as pessoas imaginam que Joaquim Manuel de Macedo – jornalista, professor, romancista, poeta, teatrólogo e memorialista, detentor da cadeira de número 20 da Academia Brasileira de Letras – é tão somente um mero copista da fórmula a que ele mesmo deu vida.

A realidade, como vimos pelos vários epítetos do autor, é bem diferente deste possível senso comum. Ele inovou a maneira de se fazer romances em nosso território, aproximando a literatura, quase idílica, à realidade do que podemos chamar de classe média brasileira, que se formava na época, extasiando-a com a possibilidade de se ver retratada em um folhetim.

Um exemplo da importância da história desta travessa moreninha é retratado em um artigo de José Veríssimo, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 1907, intitulado “O romancista de nossos avós”: “[...]a sociedade (...) revia-se desvanecida nos seus livros que (...) lhe contentavam a ingênua vaidade. Quem não gosta de um retrato que sobre parecidos nos faz melhores do que somos”. Tal a formação é endossada no artigo de Tania Serra, mestra em Letras na Universidade de Brasília: “A moreninha inaugura uma nova modalidade de romance no Brasil. Representa fielmente o estado de espírito, se não nacional, pelo menos o da corte fluminense”.

Tendo em vista todas essas disposições, creio que podemos enfim aconselhar a resposta à pergunta:

sejam os julgamentos mais profundos e apurados, de preferência previamente embasados, quer sejam sobre um livro, peça teatral, ou qualquer produção literária, quer sejam sobre outros gêneros de construção artística. O mundo seria um lugar mais agradável se as pessoas procurassem saber mais sobre o que costumam emitir opiniões. No caso da literatura, minha grande advertência é que ao menos conheça a história por trás da publicação, para que os grandes gênios da literatura Brasileira não sejam rotulados de maneira rasa, como o foi e é constantemente Joaquim Manuel de Macedo.

Finalmente, a minha resposta não seria outra: não, ‘A Moreninha’ não é, de modo algum, mais um tipo de romance água com açúcar, com chavões e clichês típicos de nossas atualíssimas comédias românticas, que nada tem a ver com o amadurecimento dos romances nacionais (dos quais a obra foi fundadora). Existe o direito ao gosto e ao desgosto de uma obra, mas isso não deveria interferir na creditação de sua importância para a arte literária, principalmente quando se trata de uma tão basilar como ‘A Moreninha’.

Onde comprar?

A MORENINHA

As melhores edições.



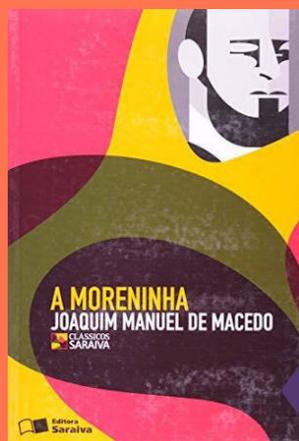
• R\$20,35

Amazon.com.br
Martin Claret



• R\$19,90

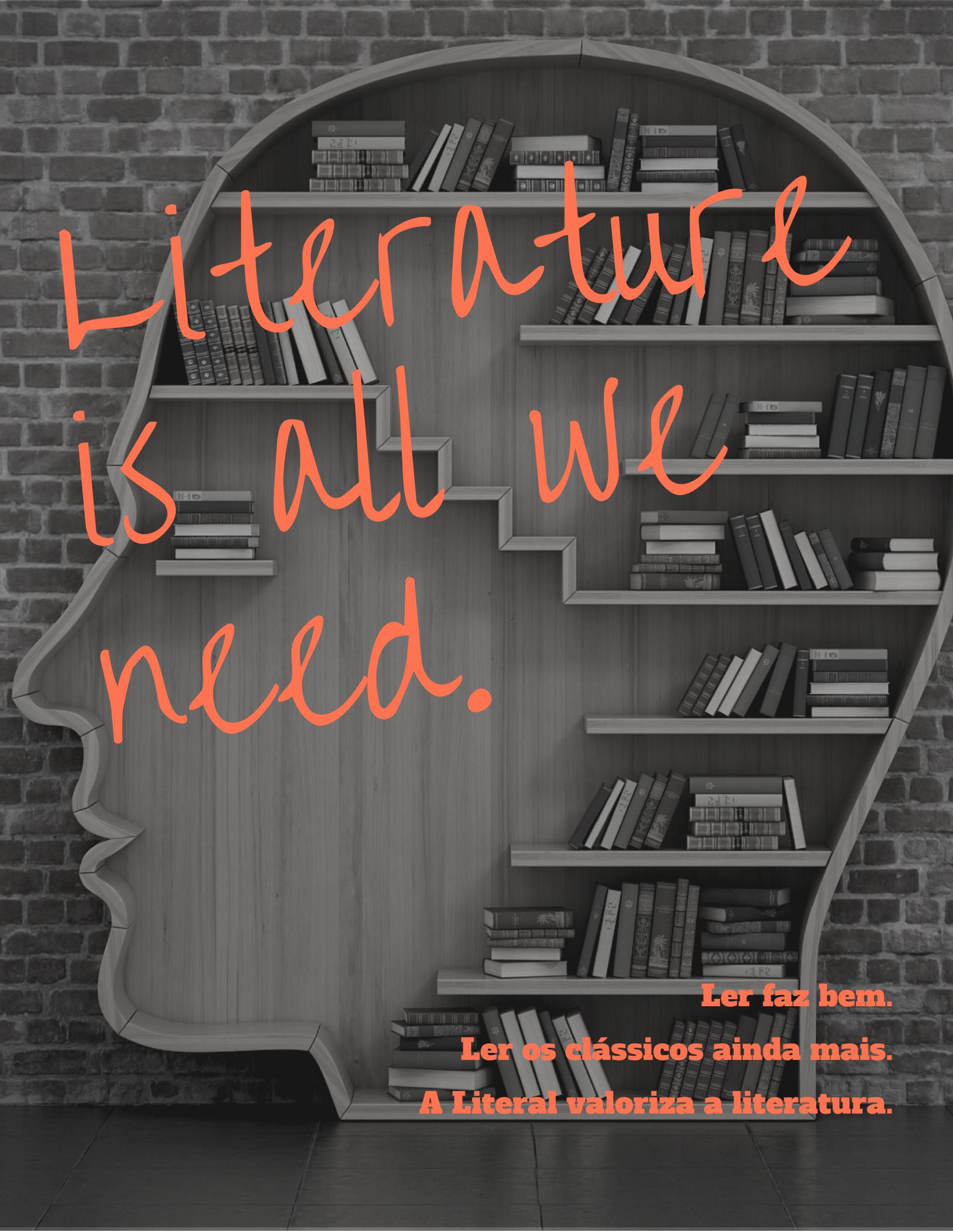
Saraiva.com.br
Nova Fronteira



• R\$26,99

Americanas.com
Editora Saraiva





Literature
is all we
need.

Ler faz bem.

Ler os clássicos ainda mais.

A Literal valoriza a literatura.

